

NÉLSON RODRIGUES "VESTIDO DE NOIVA"

CÉLIO GARCIA

Tou cela renvoie à l'homme, à son histoire, à son aliéna-
tion, à ses phantasmes, à ses rêves, à ses peurs.

R. Barthes – "Structure du fait divers".

1. O teatrólogo de início, apanha um "fait divers", uma notícia qualquer num canto de página de nosso jornal de todos os dias; com ele, com este "fait divers" monta uma peça de teatro.

O que é um "fait divers"? São informações gerais, dirão alguns; nupcias, por exemplo, um acidente, um atropelamento, uma morte.

Não é isso. O "fait divers" permanece isolado, quase esquecido num canto do jornal, até que o teatrólogo, esse metteur-en-scène de nossos fantasmas, descubra-o. O "fait divers" não está por conseguinte no corpo do jornal, fazendo parte do encadeamento das questões, na construção dos raciocínios, dos posicionamentos que vão justificar essa ou aquela posição do leitor, essa ou aquela escolha, opção pessoal. Escolha à qual vamos aderir, ou adotar, sem nos darmos conta de que o editorial não é senão uma roupagem para o fantasma a que faz alusão o "fait divers". Fantasma no sentido psicanalítico.

O "fait divers" aponta pois para o "real pressentido na sua nudez"... "despido ou impraticável para o símbolo", nos diz Escobar (1).

Assim é o fantasma: ele se mantém isolado, não entra em cadeia com o sintoma; ele também tem a ver com o real.

Por outro lado, o "fait divers" não obriga aquele que o consome a nenhum conhecimento crítico sobre o mundo; trata-se de puro consumo, por prazer. Assim também o fantasma: ele nos facilita atingir o prazer, o orgasmo. Tudo isso sem maiores comprometimentos com uma atitude crítica, nem com uma discussão muito exigente sobre a validade da coisa. Não é mortal, nem nos compromete demais. Vem por acaso, aliás.

Nélson Rodrigues, nosso teatrólogo, apanha um "fait divers", um fantasma nosso, e monta o fantasma diante de nós.

2. O teatrólogo não se engana... não se deixa enganar, ludibriar. Monta o "fait divers" diante de nós, monta e desmonta, sem análise, sem psico-

logia, sem análise psicológica; articula os personagens... a irmã, a noiva, o noivo.

Três planos na montagem – 1. Alucinação, 2. Memória, 3. Realidade. “Alucinação” corresponde ao plano onde aparecem os fantasmas. “Memória” é o plano onde os distintos e sucessivos aspectos são montados, encadeados... até que o espectador os conheça de cor, decorados. Ninguém vai esquecer. Memória por conseguinte, não quer dizer reminiscência... quer dizer que conseguimos construir um discurso que passa a incluir o fantasma (lembram-se, ele acobertado pelo “fait divers” permanecia isolado num canto do jornal?). Por isso, temos que atravessar o fantasma, atravessá-lo de lado a lado... em três atos, para depois encontrar o terceiro plano – Realidade – isso se a análise psicológica for posta de lado, se dela desistirmos. Pois a análise psicológica é esta explicação do mundo que encobre mais ainda nossos fantasmas. Antes ele (fantasma vestido de “fait divers”) estava só, jogado num canto do jornal. Agora com a análise psicológica explicando tudo em virtude dessa ou daquela interpretação, atribuindo intenções, fixando os personagens em tipos psicológicos, tudo terminaria por ter uma causa, inclusive o fantasma; e o “fait divers” passaria para o editorial, para o corpo do jornal.

O teatrólogo não faz análise psicológica, nem monta seu jogo a partir de tipos psicológicos. Temos que admitir que tudo acontece por acaso: a noção de causalidade está seriamente perturbada. Algo de inexplicável aconteceu.

Se assim não for, vamos ter que declarar (como moralista crítico) que só admitimos o “consumo crítico”... “que se sobrepõe à passiva satisfação” (2) a qual decididamente é uma posição a ser discutida. Mas não há lugar para esta discussão agora. O metteur-en-scène aprecia todo tipo de consumo; o real não sente falta de nada, a não ser daquilo que ele consome.

3. O metteur-en-scène no entanto, é um dos nossos: ele também está submetido à ordem do discurso. Diante do fantasma, qual será sua atitude? Aqui será de utilidade para nós, valermo-nos de alguma coisa que chamamos Ética. Mesmo não se deixando ludibriar pelo fantasma (como dissemos), nosso metteur-en-scène vai precisar manter uma Ética ao tratar do problema. Ética aqui não indica tão somente, código moral para todos... Longe disso. Seria repetir as posições aos bem-pensantes, aos que se escandalizam com as montagens do metteur-en-scène. Mas vamos acompanhar o metteur-en-scène na sua manobra de montagem, de articulação, diante de nós, de nossos próprios fantasmas,

Ética, portanto, sugere que para sustentar o diálogo, o metteur-en-scène não lançaria mão da análise psicológica, solução de facilidade! Além disso, ele teria que aparecer-desaparecendo. Ou seja, ocupar o lugar do cronista, mas na medida do possível... esquecer de assinar a crônica. E ele, metteur-en-scène, se faz presente na cena, aparece-permanecendo pesadamente, aí temos que dizer que o metteur-en-scène já está fazendo sermão. Já se acredita no alto de um púlpito. Moralista, ele já quer bradar aos céus. O nosso metteur-en-scène não soube ser bastante discreto, convenceu-se por demais do seu próprio papel. Em vez de entoar ou a marcha nupcial ou a marcha fúnebre... ou uma, ou outra... o nosso metteur-en-scène prefere “um arranjo de marcha nupcial e da marcha fúnebre” sobrecarregando por de-

mais a montagem. Nosso metteur-en-scène não se conteve e teve que dar uma lição de moral... ao final. O mesmo pode acontecer com a Psicanálise... com o psicanalista.

e1317

CITAÇÕES

1. ESCOBAR, Carlos Henrique. Comunicação e "faltdivers". *Tempo Brasileiro*, nº 19-20.
2. *Ibidem*.

NOTA

Retomo nestas duas citações artigo de Escobar publicado em *Tempo Brasileiro* nº 19/20, redigido provavelmente em 1968/1969. (A revista deixa de assinalar a data de publicação do número citado). Certamente que muita coisa já foi trabalhada, e até revista em se tratando de análise estrutural destinada à problemas de "Comunicação e Cultura de Massa" (tema a que é dedicado o número 19/20); espero retomar este artigo de escobar assim como o texto de R. Barthes a que ele se refere ("Structure du falt divers", incluído em "Essais Critiques", inicialmente publicado em 1962, em *Méditations*), incluindo-os num apanhado destinado a comentar mesa-redonda da qual participava Carlos Henrique Escobar e onde falávamos de Foucault. Só assim terei condições de fazer justiça e citar com mais cuidado o texto de Escobar.